



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
INSTITUTO DE GEOGRAFIA, DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE -
IGDEMA

As relações sociais e econômicas entre o acampamento Batateira e a cidade
de Branquinha - AL

JEDSON SILVA LIMA
LEANDRO NUNES CAVALCANTE

Maceió – AL
2020

JEDSON SILVA LIMA
LEANDRO NUNES CAVALCANTE

As relações sociais e econômicas entre o acampamento Batateira e a cidade
de Branquinha - AL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado na Universidade Federal
de Alagoas como requisito básico para
a conclusão do Curso de Geografia
(Licenciatura).

Orientador: Umbelino Oliveira de Andrade

Maceió – AL
2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

732r Lima, Jedson Silva.

As relações sociais e econômicas entre o acampamento Batateira e a cidade de Branquinha - AL / Jedson Silva Lima, Leandro Nunes Cavalcante. – 2020.
46 f. : il. : color.

Orientador: Umbelino Oliveira de Andrade.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia: Licenciatura) –
Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente.
1.

Bibliografia: f. 45-46.

1. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra - Branquinha (AL). 2. Reforma agrária.
3. Camponeses - Identidade social. 4. Movimentos sociais -
Organização. 5. Movimentos sociais - Politização. 6. Resistência - Conceito de
história. I. Cavalcante, Leandro Nunes. II. Título.

CDU: 911.373(813.5)

Dedico esta monografia aos meus pais, que foram essenciais na minha formação como indivíduo, sempre ao meu lado nas minhas decisões, sendo minha base, aos professores que durante o processo de graduação sempre me auxiliaram como amigos, aos meus amigos que sempre estiveram presentes, pôr fim aos meus falecidos avós maternos que sempre me ensinaram os valores do campo no social humano.

Jedson sílva líma

AGRADECIMENTOS

Os meus agradecimentos, na pessoa como Jedson Silva Lima vão aos meus pais: Maria Zélia da Silva Lima e Antônio Pereira de Lima, por sempre estarem ao meu lado em todas as ocasiões de vida e principalmente durante minha a pesquisa, esta, responsável pela realização desta obra. A minha companheira Lidiane Paula Gama de Melo, por sua paciência e compreensão enquanto exercia meus estudos e pesquisas. Aos professores: Umbelino Andrade; kleython Monteiro; Maria Ester Ferreira da Silva Viegas, que sempre estiveram a minha disposição sem medir esforços para me auxiliar durante minha graduação.

Os meus agradecimentos, na pessoa como Leandro Nunes Cavalcante. Aos longos de vários anos e milhares de trocas emocionais e racionais, para se adaptar e evoluir como integrante vivo de uma sociedade complexa e bastante cruel na forma de mostra as interações necessárias para chegar em certos resultados bem simples, vão para a minha Mãe Liege Nunes Cavalcante, para o clã dos Alves que me mostraram desde pequeno que o mundo dos brasileiros que te ferra logo cedo, aos nordestinos que me lembram que sou mais lusitano e filho de Mãe Rússia. Aos amigos e amigas como a Cinthya (amores), ao Panta e ao Eduardo, por me ajudarem e cobrarem mais pela amizade pela grande ajuda. Ao Professor Umbelino por suporta e aturar as minhas dúvidas e grandes dificuldades de aprendizagem para chegar certos resultados para agrada os leitores e eles vão a merda. Aos professores e professoras da universidade de Alagoas para certificar certos resultados e especialmente a professora Marta e muito mais especialmente ao professor Alfredo que falou uma grande verdade sobre a universidade, tu entrou em um relacionamento abusivo e diga muito sim e não compre brigas sem necessidade. E agradecimentos a banca, que aceitou entrar nessa briga, para o Kleyton, que adorar entrar no meio do olho do furacão e a Maria. E agradecimento aos revolucionários verdes de Branquinha que permitiram desenvolver esse projeto e viva a grande guerra da revolução verde. E também para o Jedson grande companheiro de guerra educacional.

Sumário

RESUMO.....	8
ABSTRACT	9
LISTA DE FIGURAS	10
LISTA DE GRÁFICOS.....	10
INTRODUÇÃO	11
1 HISTÓRIA E ATUALIDADE.....	13
1.1 Social	13
1.3 Econômica	15
2. A SOCIOECONOMIA FUNDAMENTALISTA E O SEM-TERRA	16
2.1 Desigualdade econômica social	16
2.2 A base fundamentalista dos movimentos de luta pela terra no Brasil.....	20
3. METODOLOGIA.....	22
4. RESULTADOS	26
4.1 Identificação dos problemas sociais comuns enfrentados pelos acampados	28
4.2 O preparo da terra.....	29
4.3 A produção e o escoamento das mercadorias.....	32
4.4 As relações políticas e sociais do acampamento com o município de Branquinha	33
4.5 As relações econômicas entre o acampamento e o município de Branquinha	34
4.6 Balanço econômico	35
5. DISCUSSÃO	39
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS.....	44

RESUMO

Os movimentos de luta pela terra desde o início de sua luta ativista, sobrevivem enfrentando adversidades múltiplas, são elas: a sociedade, as grandes indústrias, os fazendeiros e os poderes políticos, tentando, assim, criminalizar de diversas formas a luta no campo, transformando-os em terroristas rurais. Entretanto, após diversas análises foi constatado que na verdade trata-se de uma classe criminalizada por necessidade, a marginalização é feita principalmente de maneira indireta, isentando medidas que garantam direitos negados. Ao longo da execução do projeto, todas as dificuldades vivenciadas e estudadas, como o comparativo, a formação, a função, a sobrevivência, a identidade, estão descritos e correlacionados neste projeto iniciado em 2017, a fim de descriminalizar os movimentos de luta pela terra, expondo a verdadeira origem da luta, os fins desejados e ocorrências diárias enfrentadas pelos movimentos. Como resultado, observamos que há uma certa resistência social de aceitação do Sem-Terra na cidade, dificultando algumas relações comerciais e sociais. Houve pouco auxílio de base do poder público para a produção no campo, evidenciando-se a sua importância para a economia local. Não houve registros de crimes cometidos no campo ou represálias por parte de poderes públicos ou privados, salientando-se um desenvolvimento local da produção agropecuária e humana e proporcionando uma melhor qualidade de vida aos acampados.

Palavras chaves: Reforma agrária, identidade do homem do campo, incriminação indireta, organização do movimento, politização do movimento, resistência do Sem-Terra.

ABSTRACT

The movements of struggle for land since the beginning of their activist struggle, survive facing multiple adversities, they are: the society, the big industries, the farmers and the political powers, thus trying to criminalize the struggle in the field in different ways, transforming them into rural terrorists. However, after several analyzes it was found that in fact it is a class criminalized by necessity, marginalization is done mainly indirectly, exempting measures that guarantee denied rights. Throughout the execution of the project, all the difficulties experienced and studied, such as comparative, training, function, survival, identity, are described and correlated in this project started in 2017, in order to decriminalize movements fighting for land , exposing the true origin of the struggle, the desired ends and daily occurrences faced by the movements. As a result, we observed that there is a certain social resistance to accepting the Landless in the city, making some commercial and social relations difficult. There was little grassroots assistance from public authorities for production in the countryside, showing its importance for the local economy. There were no records of crimes committed in the countryside or reprisals by public or private authorities, highlighting a local development of agricultural and human production and providing a better quality of life for the campers.

Key words: Agrarian reform, rural man's identity, indirect incrimination, organization of the movement, politicization of the movement, resistance from the Landless.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Localização Geográfica do acampamento.....	10
FIGURA 2 - Acesso ao local da implantação do projeto.....	20
FIGURA 3 - Local da implantação do projeto inicial.....	20
FIGURA 4 - Barraco construído.....	27
FIGURA 5 - Implantação do banheiro.....	27
FIGURA 6 - Prévia de preparo do solo.....	27
FIGURA 7 - Preparo do solo com trator.....	27
FIGURA 8 - Resultado do trabalho manual.....	29
FIGURA 9 - Colheita de feijão.....	29
FIGURA 10 - Colheita do milho	30

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Exposição de gastos	34
GRÁFICO 2 - Resultados financeiros da produção.....	34
GRÁFICO 3 - Resultados financeiros finais	35
GRÁFICO 4 – balanço do feijão corujinha.	36

INTRODUÇÃO

Este TCC foi elaborado a fim de entender as relações sociais e econômicas de um acampamento Sem-Terra com a cidade próxima, desde sua influência na cidade, nos planos econômico, político e social. Dessa forma, visa buscar, perante a sociedade, a valorização do movimento e consequentemente incentivar o auxílio aos produtores, demonstrar a realidade histórica e atual dando ênfase à importância do movimento para a sociedade. Com a finalidade de enfatizar a representatividade do Movimento Sem-Terra (MST) e como ele auxilia o desenvolvimento local no entorno onde está inserido, seja acampamento ou assentamento, e busca, por meio de relatos de vivência, expressar além do cotidiano do homem do campo, como eles são ativos na sociedade e como potencializam o desenvolvimento e a economia local, além de expor a sua proximidade a realidade do movimento, diferente do descrito pelos veículos de informação que deturpam informações e criminalizam a categoria.

Há uma discussão atual sobre o que seria o Sem-Terra, para isso precisamos compreender sua realidade e origem, demonstrar suas produções, sua importância na escala de produção, de trabalho e sua simbiose com a terra. A falta de proteção governamental põe em xeque o movimento, uma vez que por necessidade ou estratégia, acabam invadindo áreas protegidas por leis.

A pesquisa *in loco* demonstra os obstáculos enfrentados pelos produtores, seja no campo ou na sociedade, e como respondem a essa problemática imposta pela sociedade, governantes e a natureza. Assim buscou-se entender a origem dessa luta, como se organizam, como se compõe a classe, como sobrevivem e os agentes motivadores para que essa permaneça organizada por tanto tempo.

Os dados gerais do local de estudo demonstram: segundo o IBGE (2010), o município de Branquinha situado no agreste alagoano tem uma população estimada de 10.494 pessoas; no censo, em 2010, a população era de cerca de 10.583 pessoas, revelando uma provável diminuição da sua população, tendo como densidade demográfica 63,63 hab/km².

O salário médio mensal dos trabalhadores formais é de 1,6 salários mínimos, o número de pessoas com alguma ocupação é de 614 pessoas, a população ocupada é de 5,8 %, dados do IBGE (2020), o percentual da população com rendimento nominal mensal per capita de até meio salário mínimo, 51,9 % - dados do IBGE (2020).

Esgotamento sanitário cobre 41,2 % da necessidade, a arborização de vias públicas é de 36,3 % classificado como adequado, a urbanização de vias públicas é de 1,9 % - dados do IBGE, (2020). A área da unidade territorial é de 168,048 km² e o seu bioma pertence à Mata Atlântica, o município não pertence ao Sistema Costeiro Marinho, dados do IBGE (2019).

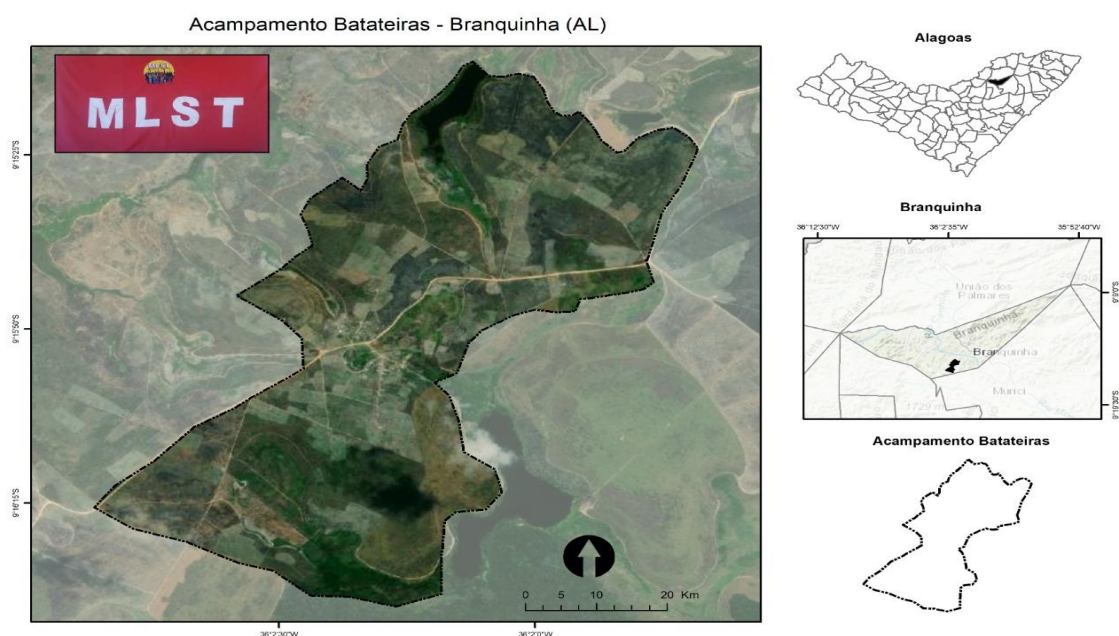


Figura 1 – Localização do município de Branquinha/AL
(Imagem: Genisson Panta)

A figura demonstra o posicionamento geográfico do acampamento batateira em relação ao município de Branquinha e ao estado de Alagoas.

Pós exposição introdutória, segue os objetivos desta produção: expor a importância do movimento para o desenvolvimento local; demonstrar como funciona e para onde escoar a produção dos assentamentos e acampamentos; identificar como os produtores Sem-Terra sobrevivem no campo, as condições adversas que enfrentam na produção, sobrevivência; e identificar como tais produtores influenciam a sociedade local

1 HISTÓRIA E ATUALIDADE

1.1 Social

A história da distribuição de terras no Brasil é o ponto de partida da luta no campo, o desenvolvimento capital e social demonstra falhas em longa escala. As favelas próximas às cidades em desenvolvimento resultam destas falhas, enfrentar a fome e todas as mazelas atreladas à população sem acesso à dignidade é comum na sociedade. O trabalho no campo é quem se mostra eficaz no combate direto aos problemas, mesmo com uma exclusão de incentivos, pode ser a saída desta problemática, levantando a questão de uma reforma agrária.

“A reforma agrária está entre tantas outras reformas que a sociedade brasileira tanto almeja para uma agenda de erradicação da miséria e da desigualdade, valorizando a função social da terra. Assegurar os direitos do trabalhador do campo é, ao mesmo tempo, defender sua dignidade enquanto brasileiro.” (RIBEIRO, 201-).

Espaço geográfico é um espaço social que tem certa autonomia, enquanto o território é uma relação de poder, assim terra é sinônimo de território e poder, motivo pelo qual criminalizam o movimento, pois, disponibilizar terras seria dar poder gratuito ao povo, este fator é decisivo para a não aplicação de uma reforma agrária, deixando-as disponíveis para negociatas capitais.

Estes motivadores trouxeram uma necessidade de organização do homem do campo, e essa organização promoveu movimentos políticos importantes no país, como a marcha rumo a Brasília em 1996.

“Como resultado, é um movimento com expressiva capacidade de mobilização, o impacto de suas ações sendo, no geral, de grande visibilidade pública. Mobilização sem emancipação.” (ZANDER, 2006, p. 8).

Ao longo de seu percurso, a Marcha Nacional foi “conquistando a sociedade” – nas palavras dos marchantes – de modo que, ao chegar à capital do país, deixou de ser apenas dos sem-terra. (CHAVES, 2000, p. 24).

Este movimento social tem uma identidade preservada, no qual abrange parte da sociedade que basicamente não tem participação direta na economia industrializada, além é claro, das que se mantêm no campo por questões

culturais. Dessa forma, toda uma gama heterogênea de indivíduos da sociedade comunga, mesmo com suas raízes e origens diversas, e o movimento como uma grande mãe, abraça os diferentes que anseiam pelo mesmo propósito que é a sobrevivência.

1.2 Político

Devido à forma com que os movimentos são descritos pela mídia e por alguns políticos, podemos entender que há toda uma teia armada que se aproveitam e criminalizam seus atos, alguns presidentes abriram diálogos com a classe e outros ignoraram e criminalizaram mesmo que indiretamente como observa-se a seguir:

Esta função então, faz com o que o Sem-Terra seja visto como uma espécie de câncer por uma parcela populacional que defende o bem-estar privado, influenciada pela atividade da mídia que expõe apenas as informações sensacionalistas, como: “A presença do MST nos editoriais dos jornais mais importantes do país já constitui uma prova bastante conclusiva da sua relevância como ator político na cena nacional...” (COMPARATO, 2001, p. 109).

“O presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC) durante seu primeiro mandato promoveu indiretamente uma descaracterização do movimento de luta pela terra..., mesmo na tentativa de minimizar (o movimento), promoveu um benefício raso de distribuição de terras.” (REDE BRASIL, 2017).

Jango não atendia à velha prática ruralista brasileira e pretendia promover uma justiça histórica, no período diversos grupos reivindicavam o acesso à terra para produzir e sobreviver, entretanto, com as estruturas de relações de poder dos ruralistas ameaçadas, Jango perdeu apoio e a distribuição de terras foi esquecida.

“A proposta de Jango estava ancorada em uma mudança constitucional que permitiria a desapropriação de terras com pagamento a longo prazo, na forma de títulos da dívida agrária”. (BRASIL, 2014).

O presidente Luiz Inácio (2002-2010) promoveu uma série de medidas que auxiliaram os movimentos de luta pela terra, entretanto houve assim, mais medidas

consideradas negativas que positivas. O documento emitido apontou 39 medidas de política agrária do governo Lula. (FERREIRA; ALVES; CARVALHO, 2009, p. 199).

1.3 Econômica

A economia brasileira gira em torno do setor agrícola. O plano agrícola de 2008/2009, demonstra que o setor privado recebeu aproximadamente cinco vezes mais benefícios em valores que o setor familiar, e o de 2017/2018, as disparidades se mantiveram em relação dos dados anteriores, demonstrando prioridade para o setor privado.

Uma das diretrizes da política agrícola para a safra 2008/2009 é aumentar o volume de recursos do crédito rural, o limite de adiantamento por produtor, além de promover algumas mudanças nas normas do crédito. A oferta para a agricultura empresarial, nesta safra, é de R\$ 65 bilhões, 12% a mais do que o previsto para a safra anterior, além dos R\$ 13 bilhões para a agricultura familiar. (BRASIL, 2008, p. 14).

Nesse sentido, foram disponibilizados R\$ 190,25 bilhões para a agricultura empresarial, sendo R\$ 188,3 bilhões para o crédito rural, dos quais R\$ 149,2 bilhões para financiamentos a juros controlados e R\$ 39,1 bilhões a juros livres, e R\$ 1,4 bilhão para apoio à comercialização e R\$ 550 milhões para a subvenção ao prêmio do seguro rural. (BRASIL, 2017, p. 9).

Contudo, uma gama de diferenças cultua a originalidade da causa, que impondo seus meios uniformes de luta garantem a existência do movimento, que por sua vez tenta garantir a repartição de terras para produtores que não são uniformes as regras sociais naturais nas capitais, grandes recortes de terras são cedidos anualmente a exploração proveniente do capital estrangeiro, torna-se uma questão de honra manter a luta e fortificar a mesma.

O produtor busca na natureza sua sobrevivência e para sobreviver precisa protegê-la, explorar de maneira predatória limita seu uso. É dever do estado e dos líderes Sem-Terra a implantação de projetos que buscam uma simbiose do produtor com a terra, reflorestar e recuperar os mananciais, fazer com que o homem do campo realize manejos que não agridam sua área de sustento e algo vital.

A vasta monocultura aplicada apenas de maneira exploratória desgasta o local, é comum a ampliação da área de produção sem cuidar da anterior

agredida, esse modelo destrói ecossistemas e leva espécies de animais, de vegetais entre outros seres vivos a extinção.

2. A SOCIOECONOMIA FUNDAMENTALISTA E O SEM-TERRA

“Onde quer que tenha conquistado o poder, a burguesia destruiu todas as relações feudais, patriarcais e idílicas. Rasgou todos os complexos e variados laços que prendiam homem feudal "superiores naturais", para só deixar subsistir, de homem para homem, o laço do frio interesse, as duras exigências do "pagamento à vista". Afogou os fervores sagrados da exaltação religiosa, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do cálculo egoísta. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituiu as numerosas liberdades, conquistadas duramente, por uma única liberdade sem escrúpulos: a do Comércio. Em uma palavra, em um lugar da exploração dissimulada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta e direta, despudorada e brutal.” (Marx; Engels, 2005, p. 42).

Os processos evolutivos sociais desde o fim das relações feudais se conectam com as transformações subsequentes na composição social do campo. A criação da mais valia foi o fator impulsionador para um desenvolvimento desigual da sociedade, uma vez que os acordos literalmente obrigam os produtores primários a desvalorizar-se e automaticamente eles se tornam reféns de um sistema econômico que os deixam em nível comum de sobrevivência, enquanto os financiadores desse sistema mantêm-se em nível acima dos padrões comuns.

2.1 Desigualdade econômica social

O mundo evoluía e se desprendia dos modelos escravistas, o Brasil também fez parte desse processo, mesmo tendo resistido um pouco mais, e sua elite proporcionou a idealização de maneira que desse a impressão de aceitação do movimento abolicionista, entretanto essa evolução sistematizou amarras sociais, os modelos sociais sempre tenderam a manter os negros em nível de vida baixo, sem chance de ascensão.

Os pensamentos históricos consolidados culturalmente, em que, para manter o domínio era necessário manter essa classe submissa, e se distribísse um benefício, nesse caso as terras livres, iriam dar poder a essa classe, então houve todas essas amarras não somente no Brasil, mas ao redor do mundo, que propuseram bases estruturais sociais que são, em sua essência, separatistas de classes e raças. A ideia que consolidou esse pensamento partiu de Friedrich Engels e Karl Marx no manifesto comunista, que propôs os resultados dessa descentralização de poder, e que esse caminho de ajuda mútua de crescimento mútuo levaria segundo ambos uma distribuição de riquezas uniforme, quebrando assim os paradigmas de classes superiores. O chamado comunismo tornou-se uma ameaça, e rapidamente foi criminalizada, de maneira que usam como argumento potencial em qualquer esfera ideológica, pondo como vilão, assim esse fantasma teima a rondar a Europa e em algumas fases históricas do Brasil causou diversos estragos sociais e políticos.

“Descrever a origem e o progresso da burguesia, nas suas várias fases, expor seus sucessos no desenvolvimento colossal da técnica e na conquista do mercado mundial, indicar as conseqüentes transformações políticas, que são a expressão de tais conquistas, as defesas e o resultado, significa fazer ao mesmo tempo a história do proletário”. (Marx; Engels, 2005, p. 100).

A repetição histórica dos fatores que correspondem aos mecanismos de gestão nacional difunde perfeitamente o pensamento que deveria ter sido abolido por todas as classes abaixo da dominante, a justa distribuição se torna distante justamente pela não aceitação da luta e dos ideais dos movimentos que assim as buscam; o pensamento consolidado e os meios de manutenção pautados nos fundamentos capitalistas, afetam diretamente os movimentos.

No Brasil os estudantes são sempre educados seguindo o bem privado e sua proteção, ao ponto de temer que uma divisão os afete, sem a menor consciência da essência da luta, que afinal busca uma igualdade e não uma diminuição do que já se tem. Os processos evolutivos sociais brasileiros seguem o objetivo de sempre manter o fundamentalismo de valor individual e de uma não aceitação de melhora coletiva.

Entretanto, a própria formação dos novos detentores de poder político e econômico foi uma descentralização do poder que os feudos detinham, o

protecionismo da elite e o fim da descentralização é o contrário dessa ideia, lutar apenas no que lhes convém, defender o progresso limitado da sociedade, e maximizar a evolução centralizada.

“A sociedade burguesa surgiu da sociedade corporativa e feudal, e dela surgiu lutando e revolucionando o que tinha diante de si, para apoderar-se dos instrumentos e dos meios de produção, que depois, todos eles, culminaram na formação e no alargamento e na produção e multiplicação do capital.” (Marx; Engels, 2005, p. 100).

O repúdio ao desenvolvimento coletivo não é exclusividade brasileira, o mundo gira em torno de uma liberdade de crescimento econômico, entretanto mantém os mecanismos de ascensão econômica. O manifesto comunista tem como uma de suas bases o reconhecimento de que apenas uma distribuição justa pode gerar um melhor aproveitamento e melhor qualidade da terra, disponível ao coletivo, demonstra um possível ensaio democrático social da distribuição e dos produtos baseados nela, assim o sistema liberal econômico demoniza todo o sistema social democrático e o Brasil herdou esses ideais contrários ao bem-estar social.

Os modelos anteriores de gerência de poder foram desmontados, mas observou-se que o desmembramento da burguesia sobre todos os modelos de concentração anteriores não passou de uma simples troca de poder político e econômico, tudo se tornou moeda de troca, atacando a dignidade.

A burguesia adotou, assim, um modelo de exploração, um modelo facilitador para uma classe limitada, porém, este é um novo modelo de domínio, detentor de riquezas e propagador de exclusão; provenientes desse pensamento, os modelos atuais são geridos de maneira que se tem uma falsa liberdade de crescimento.

Quando adentramos no campo das oportunidades singulares, há uma ressignificação do bem-estar social, as mudanças simplesmente acontecem ciclicamente, mas como ressaltado nesta obra, é insuficiente e injusto devido as injustiças históricas que os negros, os nativos entre outros povos, sofreram ao longo do caminho, a mais valia é um fruto dessa ingerência, resultante da evolução de um modelo concentrador de recursos e poder. Dar um valor econômico a tudo é a forma mais fácil de se ter controle de tudo, criar patamares

de valores cria uma cadeia centralizadora, que proporciona um maior poder a poucos, um maior domínio, uma maior concentração de riquezas, e uma falsa sensação de que se pode alcançar esse patamar independente de sua posição inicial.

A visão real consiste na narrativa de que ceder espaço aos que compreendem esse sistema é um risco à hegemonia e o combate, a criminalização de quem foge desse paradigma é uma forma de barrar a quebra desse sistema.

“A burguesia suprime cada vez mais a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou as populações, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos.” (Marx; Engels, 2005, p. 44)

A centralização do poder econômico e político é o que garante a hegemonia na dominação dos recursos e uma superioridade e um padrão mais equilibrado entre o bem-estar social e o desenvolvimento humano. Abrir mão desse modelo seria para eles abrir mão de toda facilidade de vida, que seus herdeiros dispõem naturalmente a partir da manutenção desse sistema, que promovem a continuação dos berços de ouro.

Esta formação da sociedade moderna, ou seja, burguesa, foi tipicamente reconstruída no manifesto em breves e magistrais traços; aí está dado o seu perfil anatômico geral, nas suas sucessivas feições de corporação, comércio, manufatura e grande indústria, às quais se agregam as indicações dos órgãos e aparelhos derivados e complexos, que são o direito, as constituições políticas, entre outros. (Marx; Engels, 2005, p. 127).

A sociedade é pautada em posições de importância, as falácias protegem a hegemonia, a exclusão ou o estreitamento de certas funções sociais como os cargos civis, garantem um poder central em grande escala, e essa mesma ideia promove nos cidadãos de classes social e econômica inferior, no caso os integrantes dos movimentos de luta pela terra, um obstáculo natural que, por sua vez promove uma limitação de ascensão humana e as pessoas desenvolvem uma ideia de limite fixo na vida.

Como essa ideia limitadora não é infalível, outros mecanismos de exclusão são desenvolvidos visando frear o crescimento social; a observação desse modelo e sua compreensão trazem consigo os movimentos mundiais de

luta pelo bem-estar social, pelo bem público, pelo desenvolvimento humano sem exclusão e os movimentos de luta pela terra trazem consigo este mesmo princípio, sabendo toda funcionalidade desse sistema os movimentos anseiam por justiça.

Em busca do direito de ter uma oportunidade de crescimento humano e econômico, os movimentos lutam para que essa oportunidade exista e se expanda. Entre os vários processos de exclusão social a escravidão é o de dimensão mais grave e recente, pouco mais de cem anos e ainda há diversas sequelas sociais vivenciadas, lacunas que não foram preenchidas com justiça, apenas com novos modelos políticos de exclusão social.

Os movimentos abolicionistas obedeceram às regras políticas de centralização de poder, uma reprodução desse sistema, de acabar com a escravidão de maneira que não houvesse uma chance mínima à população para sobreviver; é um modelo de exclusão complexo impor aos recém abolidos necessidades que só podem ser atendidas submetendo-se a relações quase escravistas, isso chama-se vulgarmente mais do mesmo, deriva dos mesmos processos de sempre que tendem a ser reproduzidos de maneira disfarçada, com o pretexto de desenvolvimento com a prática de exclusão e continua a centralização do poder político e econômico.

2.2 A base fundamentalista dos movimentos de luta pela terra no Brasil

Os movimentos de luta pela terra são, em todos os aspectos, estudados e nem sempre compreendidos. Eles defendem essencialmente a exigência de justiça histórica, essa observação pode ser facilitada com o mero acompanhamento dos fatos sociais históricos no Brasil, nos quais podemos observar uma gama de exclusões civis. A concentração de riquezas e benefícios sempre foi um tabu a ser quebrado.

A lei de terras de 18 de setembro de 1850, buscou promover uma organização na distribuição espacial e seu aproveitamento, uma maneira de organizar a propriedade privada, a terra só poderia ser comprada. No modelo

anterior (as sesmarias) a terra era legitimada pela ocupação e manejo, nesse novo surgia o mercantilismo, (ações econômicas como trocas), que é considerado o modelo de transição do feudal para um capitalismo.

Ao mesmo tempo, já com a primeira constituição republicana, de 1881 (constituição da república do Brasil), as terras devolutas são transferidas para os estados e colocadas nas mãos das oligarquias regionais. (MARTINS, 1981, p. 43.)

A campanha abolicionista em fins do século XIX, mobilizou vastos setores da sociedade brasileira. No entanto, passado o 13 de maio de 1888, os negros foram abandonados à própria sorte, sem a realização de reformas que os integrassem socialmente. Por trás disso, havia um projeto de modernização conservadora que não tocou no regime do latifúndio e exacerbou o racismo como forma de discriminação. (MARINGONI, 2011, p. 2)

De 1888 até 1930, movimentos internos promoveram uma reformulação interna dos limites agrícolas, fortalecidas durante o período da crise cafeeira, em 1964 após muitas discussões sobre a temática, o estatuto da terra foi criado, visando proporcionar uma justiça social e legitimidade de posse para o uso comum da terra, criado, entretanto não executado durante o período militar brasileiro.

Sempre houve um entendimento de que não havia o interesse em dividir o poder, daí, em um certo momento da história, iniciou-se uma resistência social; dentre vários fatos conhecidos na história do Brasil, podemos destacar Canudos, arraial massacrado pela elite, com o auxílio dos mecanismos criados para garantir a proteção da soberania, a força militar.

As tentativas de sobrevivência com o esforço próprio desprendidas, seja o sertanejo de canudos, sejam dos integrantes do MST e demais grupos sociais desprendidos, são impedidas violentamente, verdadeiros massacres já foram promovidos no campo e não houve justiça para todos os absurdos ocorridos durante décadas no Brasil.

Após o período militar nasceram movimentos como o MST, que exigiram que estatuto da terra fosse executado, desde então contempla algumas famílias rurais, mesmo com vários movimentos políticos que criam medidas que dificultem o acesso as terras.

Os movimentos de luta pela terra têm o pleno entendimento dos processos históricos relacionados anteriormente, e esses são os motivadores que promovem, desde o início do Brasil República, as lutas no campo pela justiça e a quebra desse paradigma. Nesse contexto, a reforma agrária é um objetivo nunca alcançado no Brasil, apesar de alguns movimentos governamentais que tentaram, de alguma forma, ajudar o povo do campo.

3. METODOLOGIA

Em 2017 um esboço do projeto que foi base para esta obra foi iniciado, houve uma breve visita e vistoria ao local para fins avaliativos, conversas e o planejamento da instalação no local; a metodologia exploratória demonstrou ser a mais eficaz para obtenção dos dados, de maneira que o conteúdo da obra se baseou diretamente nos dados obtidos na produção, venda, observação, e investigação direta dos fluxos sociais e econômicos.

Todo o projeto foi feito com investimento próprio, sem bolsa ou qualquer tipo de auxílio; o campo analisado foi previamente visitado e a instalação do projeto visou ao máximo a fidelidade de uma instalação natural do homem do campo. Diante de tudo isso, os cronogramas estabelecidos foram cumpridos e modificados ao longo do projeto, de maneira que alcançou uma melhoria significativa no seu aproveitamento, o cronograma teve uma duração anual em que foram levantados dados durante o período 2017 a 2019.

As figuras 2 e 3 demonstram a área no início da implantação do projeto, como exposto nas figuras, o local estava sem atividade agrícola ou humana.



Figura 2 – Acesso ao local da implantação do projeto



Figura 3 – Área do projeto

Toda a extensão territorial foi analisada inicialmente e produzidas imagens com o auxílio da ferramenta Google Earth, assim como seu histórico, o acesso foi com auxílio da ferramenta Google Mapa, em ação direta no campo. Vale ressaltar que sem um prazo pré-determinado para captação de dados. O projeto teve assim um caráter participativo, recolhendo dados sobre: produção, venda, ação direta junto ao movimento e o dia a dia social do acampamento, diretamente no campo.

A chegada ao local mostrou-se propícia para que a pesquisa atingisse seu real objetivo: uma vivência real de caso, uma vez que seria tudo limitado e todas as dificuldades de qualquer acampamento puderam ser vivenciadas; todo um planejamento foi realizado após a observação do local, notou-se que devido aos recursos, o caminho para obtenção dos resultados seria investir como qualquer acampado investiria e não exceder assim os limites comuns; em todos os dias, seguiu-se o planejamento normal local baseado em observação e relatos locais; observando a disponibilidade mínima de recursos, iniciou-se a construção do barraco e o planejamento da cultura vegetal a ser trabalhada. Uma vez firmado um acordo verbal de administração do local designado, inicia-se a construção do barraco que ficou pronto em dois meses, assim facilitando o dia a dia, e visitas.

Toda a elaboração deste TCC partiu de uma profunda leitura e discussões políticas da realidade vivenciada que difere da apresentada pelos veículos de mídia, assim dividido ao longo do ano de forma ordeira, e desenvolvido respeitando-se os prazos pré-estabelecidos para uma pesquisa fluente e um recolhimento de dados sem comprometimento dos resultados.

Houve alguns investimentos não essenciais para um melhor aproveitamento de tempo e espaço, a compra de um gerador de energia auxiliou a vivência noturna e promoveu uma melhor qualidade de vida, podendo-se assim utilizar uma geladeira para armazenar os alimentos durante a estada em campo.

Toda a implantação, tendo em vista os possíveis problemas, promoveu uma melhor captação de dados. Assumindo o compromisso de bem-estar, o barraco foi levantado com tijolos, o piso feito com cimento apenas, a implantação de uma fossa em local estratégico evitando contaminação, e o uso apenas de água potável da cidade próxima, para cozinhar e consumo direto, deixando a água local das nascentes apenas ao banho, irrigação e consumo animal.

Ao longo das visitas foram preparados dois canteiros onde foram cultivadas hortaliças para o consumo, produzindo assim como um acampado, para que a cada visita levasse cada vez menos objetos para o campo; assim foram cultivados coentro, cebolinha, alface, tomate e pimenta.

CRONOGRAMA 2017

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
IDENTIFICAÇÃO DA ÁREA			X									
IMPLANTAÇÃO DO PROJETO				X	X							
PLANTIO INICIAL			X									
LEVANTAMENTO TEÓRICO	X	X							X	X		
CONSTRUÇÃO DO BARRACO				X								
IMPLANTAÇÃO DA PECUÁRIA											X	
PRODUÇÃO LITERÁRIA							X	X	X			X
ESCOAMENTO DA PRODUÇÃO												
PARTICIPAÇÃO DOS EVENTOS DO MLST							X				X	
ACOMPANHAMENTO DAS REUNIÕES	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
PLANTIO PARCIAL				X	X	X	X	X	X			

2017 fase exploratória do projeto, desenvolveu-se todo o sistema a ser aplicado no local, e um acompanhamento efetivo das reuniões para compreender os processos anuais e obrigatoriedades no campo, que se limita em cultivar, participar das feiras camponesas, e acompanhar as marchas do movimento na busca da legalização do acampamento, para que se torne de fato um assentamento.

CRONOGRAMA 2018

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
PLANTIO SAZONAL			X				X					
PLANTIO PARCIAL			X	X	X	X	X	X	X			
REFLORESTAMENTO												
COLHEITA						X	X			X	X	
ESCOAMENTO DE VENDAS						X	X			X	X	
AMPLIAÇÃO DA PECUÁRIA			X	X								
RECOLHIMENTO E ANÁLISE DOS DADOS							X	X			X	X
PARTICIPAÇÃO DOS EVENTOS DO MLST		X					X				X	X
ACOMPANHAMENTO DAS REUNIÕES	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
LEVANTAMENTO TEÓRICO	X											
PRODUÇÃO LITERÁRIA								X	X		X	X

A produtividade de 2018 baseou-se no melhor aproveitamento da terra e um maior acompanhamento real do dia a dia dos acampados, além das ações do movimento.

CRONOGRAMA 2019

	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
PLANTIO SAZONAL			X				X					
PLANTIO PARCIAL					X	X	X	X				
REFLORESTAMENTO						X	X					
COLHEITA						X				X		
ESCOAMENTO DE VENDAS										X	X	
AMPLIAÇÃO DA PECUÁRIA												
RECOLHIMENTO E ANÁLISE DOS DADOS								X				X
PARTICIPAÇÃO DOS EVENTOS DO MLST					X			X				X
ACOMPANHAMENTO DAS REUNIÕES	X				X	X	X	X		X	X	X
LEVANTAMENTO TEÓRICO												
PRODUÇÃO LITERÁRIA	X										X	X

2019 foi um ano bastante equilibrado no que diz respeito a produção e acompanhamento das problemáticas e ações do cotidiano do movimento, entretanto a maior porcentagem do plantio serviu para consumo próprio.

4. RESULTADOS

O ano de 2017, início do projeto, revelou-se pouco produtivo no campo na produção agrícola, entretanto, altamente produtivo para entender o dia a dia no campo; observou-se, então, a relação entre os referenciais teóricos e o que abordavam e eles revelaram-se ativos na vivência como acampado. Dessa forma, houve um melhor aproveitamento do calendário de ações do MST e das atividades praticadas.

A identificação da área e a implantação do projeto foram realizadas de forma ordeira e bem distribuída, o trabalho resultou em um bom plantio parcial ao longo do ano, composto com as culturas que são utilizadas para o consumo, como hortaliças e leguminosas. Por fim, a produção voltou-se ao consumo pessoal, tendo pouco ou nenhum excedente suficiente para comercialização.

Com o passar do período de cultivo notou-se que a terra, mesmo em repouso, acelerava o processo normal de produção, mas não houve orçamento para verificar se ainda havia aditivos na terra resultante do plantio de cana de açúcar. No entanto, especula-se que a adubação com calcário dolomítico típico para canas, entre outros, deixou ao longo de anos o solo rico em micronutrientes que são responsáveis diretos pelo desenvolvimento das hortaliças, como manganês, alumínio, zinco, etc.

O ano de 2018 trouxe à tona várias realidades enfrentadas pelos acampados em relação ao ano anterior, pois foi diminuído, de forma proporcional, o orçamento a ser investido na produção, de maneira que a realidade fosse mais aproximada da enfrentada pelo homem do campo, como a de preparo do solo. Houve um menor aproveitamento orçamentário, entretanto, um maior recolhimento de dados empíricos.

Os eventos anuais tinham sempre origem relacionada aos movimentos nacionais, com o intuito de demonstrar publicamente a força, resistência e apoio do homem do campo a sociedade, entretanto, dois dos quatro eventos anuais foram bem proveitosos, houve participação de vários acampamentos e assentamentos nos eventos, sempre reunidos na praça Sinimbu em Maceió, o

acampamento provisório é montado em uniformidade com todos ao entorno, sem uma separação de movimentos distintos.

Nesse ano houve o plantio do milho em março e do feijão em julho e a venda proporcional da produção, escoando as mercadorias para Maceió e revendendo-as no bairro de Chã da Jaqueira a pequenos vendedores, além da macaxeira de maneira aleatória para obtenção de renda compensatória ao combustível aplicado para visita ao campo. Houve uma adição de galinhas ao campo para que fossem criadas de forma natural, servindo para o consumo da carne e do ovo nos dias de visita e conseqüentemente a ampliação da criação livre. Houve a tentativa da aplicação de um breve reflorestamento, entretanto o solo não apresentou condições suficientes para tal e as mudas não se desenvolveram, nenhuma sobreviveu.

O ano de 2019 foi o mais uniforme devido à experiência dos anos anteriores, houve um maior aproveitamento relativo da produção em relação à disponibilidade dos recursos que, por sua vez, eram limitados; o plantio das culturas sazonais foi realizado com sucesso, assim como sua colheita, no entanto, apenas o amendoim plantado em julho foi revendido, o milho foi para o consumo e a fabricação de ração. A pecuária implantada estagnou, até mesmo diminuiu, não houve um aumento considerável nem um investimento na área.

Quanto ao reflorestamento, devido à experiência anterior, notou-se uma exigência do preparo do solo para implantação, feito de maneira natural, com adubação do solo usando-se adubo orgânico e com a escolha de melhores locais onde o solo ofertava maior fertilidade e drenagem. Mesmo com aplicação de técnicas consagradas, houve pouco desenvolvimento, evidenciando o baixo potencial de recuperação de um solo cansado devido à cultura da cana.

Em caráter produtivo, 2019 tornou-se o pilar para a execução deste TCC trazendo mais resultados da vivência e da produção, evidenciando-se a força do assentado e do acampado que, de maneira religiosa, acreditam em si mesmos para a sobrevivência. Acreditam na sua fé e em sua força, e em troca têm uma vida mais calma, distante da correria das grandes cidades e ingerindo alimentos provenientes de seu próprio esforço, longe dos fast-foods e industrializados que consumimos diariamente devido ao tão corrido dia a dia das grandes cidades.

4.1 Identificação dos problemas sociais comuns enfrentados pelos acampados

Após observação, notou-se uma vegetação rasteira com variedades diversas de capins e plantas regionais, além da alta presença de cana de açúcar proveniente do antigo uso local, foram localizados três minadores de água parcialmente potável que serve para consumo diário local; havia também em outros locais observados ao longo do acampamento, de onde os acampados retiram a água e tomam sem nenhum tratamento. Não há banheiros em nenhuma residência previamente abordada, entretanto, ao longo dos meses percebia-se a construção de banheiros em alguns acampados.

A área designada ao acampado deve ser cercada e esse custo também sai diretamente do seu bolso, mas é importante a cerca para evitar invasões de outros acampados para o uso da terra e para evitar invasões de animais que assim poderiam destruir as plantações. Como esses locais beiram criações de gado, é extremamente importante que haja proteção, uma vez que o proprietário do gado não se responsabiliza pela destruição causada pelos seus animais aos assentados e acampados.

O acampado em áreas distantes das rodovias federais e estaduais não tem acesso à energia elétrica e água potável, os banheiros são improvisados ou ausentes e em muitas destas vezes eles sofrem um risco enorme de danos à saúde por não serem orientados de maneira correta pelos poderes públicos. Por causa desse abandono pelo poder público, várias doenças aparecem como a diarreia, as péssimas moradias trazem consigo infestações de insetos e roedores, que atraem répteis como cobras, causando alguns acidentes.

Como observado nas figuras 3 e 4, o barraco e o banheiro foram construídos com tijolos garantindo uma certa resistência da estrutura, dando assim um certo conforto em épocas chuvosas e uma melhor conservação dos insumos e ferramentas essenciais no campo. Por fim, o piso interno foi feito essencialmente de cimento garantindo uma resistência aos insetos e roedores que possivelmente poderiam ter facilidade de acesso pelo solo livre.



Figura 4 – Barraco construído



Figura 5 – Implantação do banheiro

4.2 O preparo da terra

As figuras 6 e 7 mostram o solo em repouso e pós preparo com o auxílio do arado puxado pelo trator, o preparo ideal necessita de dois repasses do arado para que o solo tenha seu potencial máximo a disposição, assim a água, o ar e os nutrientes são melhores aproveitados pela cultura inserida.



Figura 6 – Prévia de preparo do solo



Figura 7 – Preparo do solo com trator

Toda produção tem auxílios que na sua essência são caros para os acampados, como tratores e mão de obra ociosa; o preparo da terra segue cronograma básico, inicia com limpeza, capinando ou a queima, que fragiliza o solo principalmente próximo as nascentes. Após essa queima, demarca-se o local; o trabalho do arado mecânico gera um custo ao produtor, mas minimiza o desgaste pessoal e acelera a produção e após a passagem do arado, o produtor promove o plantio sazonal apropriado para o solo. O preparo da terra depende

diretamente da cultura, topografia do solo e do poder de preparo manual ou mecânico.

Foram necessários cerca de quatro dias para o preparo e plantio de 500 pés de macaxeira, aproximadamente $\frac{1}{4}$ de tarefa. Partindo da mesma premissa foram necessárias quatro horas para o plantio de duas tarefas de amendoim da variedade Virgínia, contando o tempo da grade, de arado e do sulcador, ou seja, apenas quatro horas para plantar, aproximadamente 8 vezes mais rápido o plantio com o auxílio do trator no preparo da terra; uma semana pode ser realizada em um dia, com o auxílio do trator e o trabalho se torna 8 vezes menos desgastante, contando com o auxílio mecânico.

Para um preparo manual a área é limpa, ou seja, roçada, eliminando a maior parte da vegetação que é retirada ou queimada; após esse primeiro passo, a terra é fofada de maneira que o oxigênio e a água possam se alojar no solo em abundância, auxiliando no desenvolvimento da cultura a ser produzida. O trabalho mecânico traz consigo benefícios únicos como a não necessidade de limpeza da área, dependendo da vegetação. Desse modo, todo o material superior fica embaixo da terra que é jogada para cima, e sua decomposição dentro do solo também se torna adubo, além de ter espaços maiores para a fixação do oxigênio e da água no solo.

A Figura 8 demonstra o resultado do cultivo manual efetuado durante o mês de março, em que foram cultivados a macaxeira, o feijão dentro do mesmo espaço, promovendo um maior aproveitamento da área, além do milho nas bordas. Foram cultivadas aproximadamente 500 unidades de macaxeira, a mesma quantidade de feijão de arranque, e cerca de 50 pés de milhos espalhados ao redor do local.



Figura 8 – Resultado do trabalho manual



Figura 9 – Colheita de feijão



Figura 10 – Colheita do milho

Os dois acima são Antônio Pereira e Maria Zélia da Silva Lima, pais de Jedson Silva Lima, um dos autores desta monografia.

4.3 A produção e o escoamento das mercadorias

A produção está diretamente ligada ao consumo e à base lucrativa do produtor; existem diversas bases lucrativas que podemos destacar, entre elas as culturas sazonais que são as mais empregadas no campo, enquanto os produtores acompanham os períodos chuvosos anuais, extraindo, dessa forma, o lucro máximo periódico para criar excedente financeiro. Entretanto, o produtor enfrenta os períodos de estiagem que, em sua maioria, o obrigam a um período de ociosidade no campo. O milho, o feijão, o amendoim e a macaxeira, tornam-se base econômica para produtores, dando um retorno satisfatório, mesmo que temporário.

No segundo ano da implantação do projeto foi cultivado milho aproveitando o período cíclico anual de produção. Assim, no espaço de uma

tarefa - o correspondente em Alagoas a 3.025m², promoveu-se a limpeza de todo o local onde cultivaria outras variedades e no entorno do barraco foram cultivados aproximadamente 500 pés de macaxeira e 100 de feijão de arranque, além de abóboras.

As mercadorias do movimento Sem-Terra escoam Brasil afora, o as produções alagoanas escoam para as cidades próximas aos assentamentos e acampamentos e para a capital, abastecendo várias feiras livres dos bairros de Maceió. As mercadorias são, na sua maioria, trazidas por atravessadores que visitam e compram as produções ainda no campo, colhem e levam a Maceió. Mas, há os produtores que se arriscam e trazem por conta própria suas mercadorias, e outros que acompanham o calendário das feiras livres periódicas do movimento que sempre ocorre na praça da faculdade no bairro da levada em Maceió, e na praça de espaço de lazer no bairro do Eustáquio Gomes, este último não houve participação.

Em análise, as mercadorias como o feijão foram distribuídas na feira do Graciliano Ramos, no Mercado da Produção (antigo CEASA) e a vendedores do bairro da Chã da Jaqueira, todos pertencentes a Maceió, sem a necessidade do atravessador, uma vez que tinha a disponibilidade de um veículo para o transporte. O milho, em contrapartida, foi vendido a atravessadores e outras produções como a macaxeira, hortaliças e legumes foram então utilizados no consumo direto e na ração animal.

4.4 As relações políticas e sociais do acampamento com o município de Branquinha

O assentado é rapidamente reconhecido na cidade próxima em que se instala, e mantém relações comerciais, consomem medicamentos, entre outros bens de consumo da cidade, criando vínculos, se relacionam nas feiras livres locais, trocam mercadorias e animais na cidade, frequentam a escola, igrejas, bares e postos de saúde. Contudo, ainda existe uma resistência local da presença do Sem-Terra que, em alguns lugares, resulta na violência como já

citado anteriormente nesse estudo de caso, não sendo identificada resistência direta no campo em que o acampamento está instalado.

Houve relatos de mudança do local inicial, segundo moradores do acampamento que solicitaram não serem identificados; procurada, a coordenação do movimento preferiu não responder alegando que todos continuam acampados e que a mudança foi pouco significativa, “meros metros”. A área em questão é ocupada pela criação de gado de corte.

O acampamento ou assentamento promove uma realidade nova na sociedade onde está inserido, porque podem modificar o curso de uma eleição, por sua natureza de militância e resistência. Os acampados e assentados são bem assistidos pelos líderes políticos locais, de maneira que recebem algum benefício ou auxílio, mesmo em épocas não eleitorais sendo comum o hábito de barganha dos acampados com o núcleo político local instalado.

4.5 As relações econômicas entre o acampamento e o município de Branquinha

Os produtores rurais costumam estabelecer relações comerciais onde se inserem a fim de facilitar parte do escoamento de sua produção e garantir outros produtos ou receita para manutenção da sua produção e sua sobrevivência, ocupando, assim, parte do comércio local, como as feiras livres municipais.

Observou-se pouca presença em muitas relações estabelecidas no município próximo ao acampamento e conseqüentemente na cadeia de escoamento da produção que vai até a capital do estado.

Alguns moradores trabalham no campo e levam, além de auxílio alimentício, o valor de seu trabalho no campo que varia de acordo com o período anual, observando-se em períodos onde há forte demanda das culturas sazonais um valor de R\$ 50,00 e em períodos opostos, aproximadamente a média de R\$ 35,00, ambos relacionados à diária de trabalho. Conseqüentemente, um acampamento consome os produtos da cidade, aumentando o lucro dos mercadinhos e pequenos estabelecimentos e gera uma pequena gama de

emprego que, vista de maneira objetiva, auxilia parte do setor de renda local, empregando jovens e adultos sem renda fixa.

4.6 Balanço econômico

O valor de venda de algumas mercadorias das culturas sazonais, como o milho por exemplo, tem seu valor barateado no escoamento do plantio dos assentamentos que, por sua vez, acompanham o valor dos produtos trazidos de lugares de vasta monocultura, contribuindo esse fator para diminuir o lucro dos pequenos produtores, mas ainda assim há renda para o acampado ou assentado, de modo temporário, garantindo sua sobrevivência, mesmo que não haja o apoio necessário do poder público, como acontece com os produtores de vasta monocultura, muitos deles estrangeiros. O planejamento é a base para o sucesso na produção. Tendo em vista o lucro mínimo para qualquer que seja a cultura, foram analisadas *in loco* a produção do feijão de corda e do milho para o comércio, partindo do princípio da rotação de colheita; assim, em uma área de 3 tarefas foram retiradas aproximadamente 8,5 toneladas de feijão de corda do tipo corujinha, e revendido em Maceió e Rio Largo, onde o valor ficou em média a R\$ 2,50 o quilo na vagem.

O milho seguindo na mesma área teve problemas no processo produtivo uma vez que o local do plantio no inverno é de alagamento, mesmo com o milho cultivado em sulcos, houve baixa de oxigênio no solo no fim do período de amadurecimento das espigas, deixando as folhas amareladas, fazendo com que sua venda fosse comprometida e parte da produção virou ração animal. Foram retiradas 160 mãos de milho, o equivalente a 8 mil espigas.

Podemos observar nos gráficos a seguir a razão entre gasto e lucro que um produtor tem anualmente investindo numa determinada cultura e a observada foi a do amendoim, da variedade Virgínia, o vermelho, que tem uma grande saída para consumo em Alagoas.

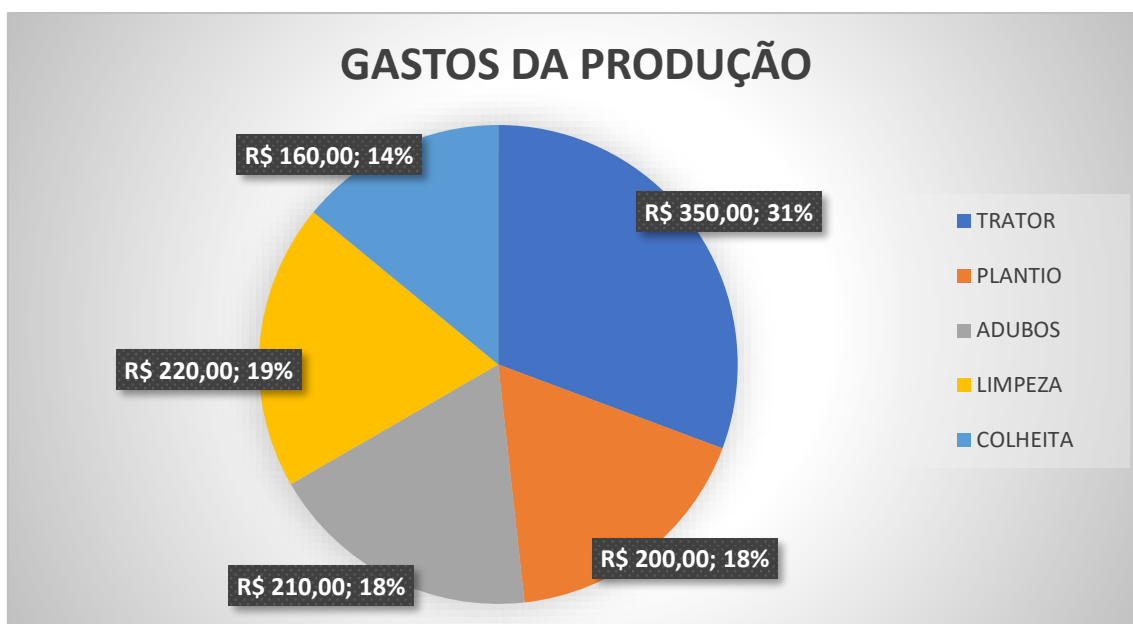


Gráfico 1 – Exposição de gastos

O gráfico acima expõe todos os gastos relacionados à produção de aproximadamente duas tarefas de amendoim da variedade Virgínia, que foi cultivado entre o final de julho e início de novembro, totalizando um gasto total de R\$ 1.140,00.

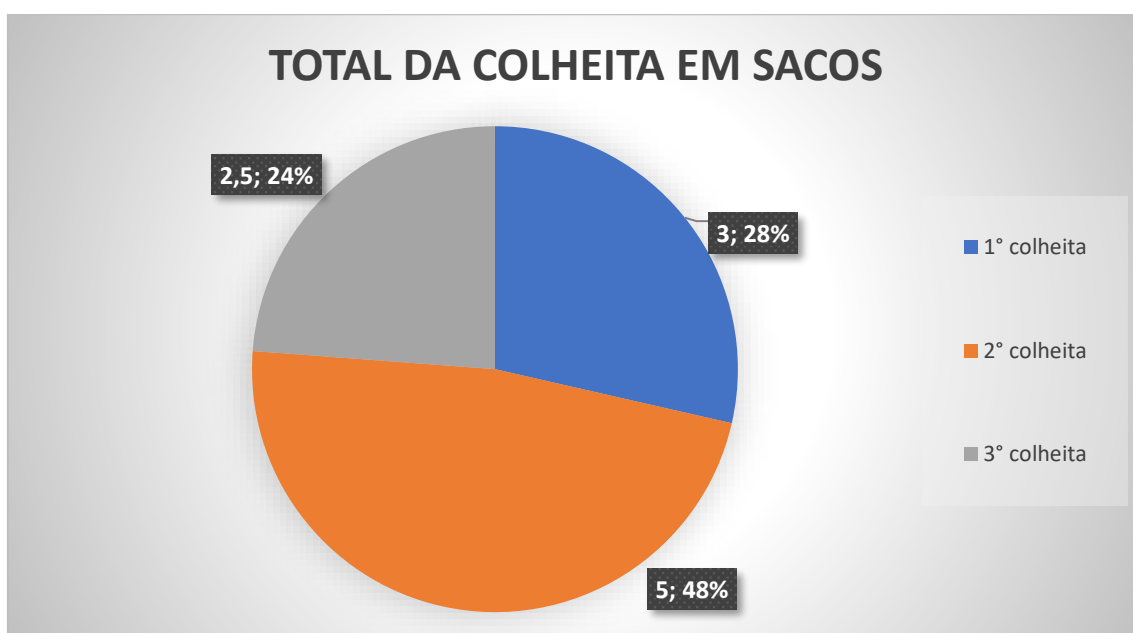


Gráfico 2 – Resultados financeiros da produção

Como observamos acima houve uma produção total de 10 sacos e meio, a serem vendidos para obtenção de lucro direto. A primeira colheita foi revendida a bancas da feirinha do Graciliano Ramos, os três sacos foram revendidos a R\$ 290,00, valor relativo praticado na revenda no período. A segunda colheita foi revendida a bancas do Mercado da Produção de Maceió: foram revendidos quatro sacos a R\$ 380,00, restando um, que junto com a última colheita resultou em três sacos e meio, que foram devidamente armazenados aguardando o mês de dezembro e conseqüentemente as festas de fim de ano, onde o valor aumenta; assim foi revendido em pequenas quantidades obtendo o valor de R\$ 600,00 após toda a venda, totalizando R\$ 1.170,00 de saldo, o restante da produção foi usada para ração e consumo.

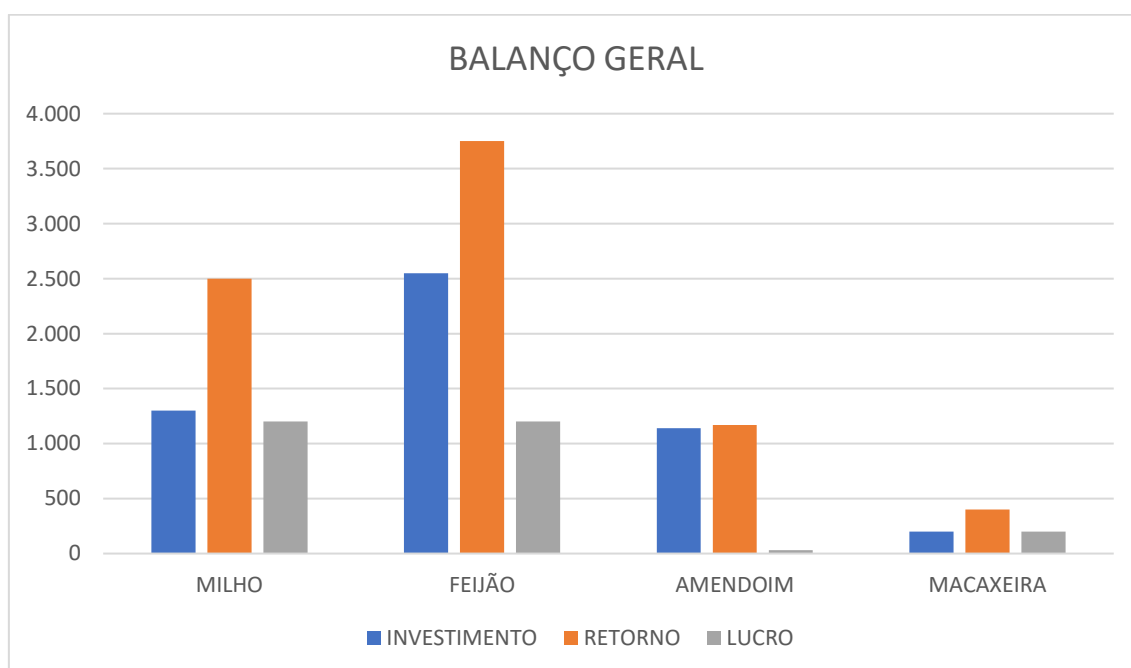


Gráfico 3 – Resultados financeiros finais

Como pode ser notado acima, o lucro final no amendoim foi de R\$ 30,00, não houve um grande lucro real, os problemas notados foram a impossibilidade de análise de acidez do solo e a irrigação que são essenciais para uma alta produção, além dos ataques de animais na plantação, como bodes e carneiros de produtores vizinhos. Entretanto, houve uma boa sobra que foi destinada à alimentação e ração devido ao alto índice proteico do amendoim.

Como observado no mesmo (gráfico 3), no feijão houve um retorno de R\$ 2.950,00, porém houve muitos envolvidos na coleta e limpeza, além dos

gastos em transportes e sacos para transporte do feijão, no fim o lucro foi de aproximadamente R\$ 1.200,00, como demonstrado no gráfico abaixo.

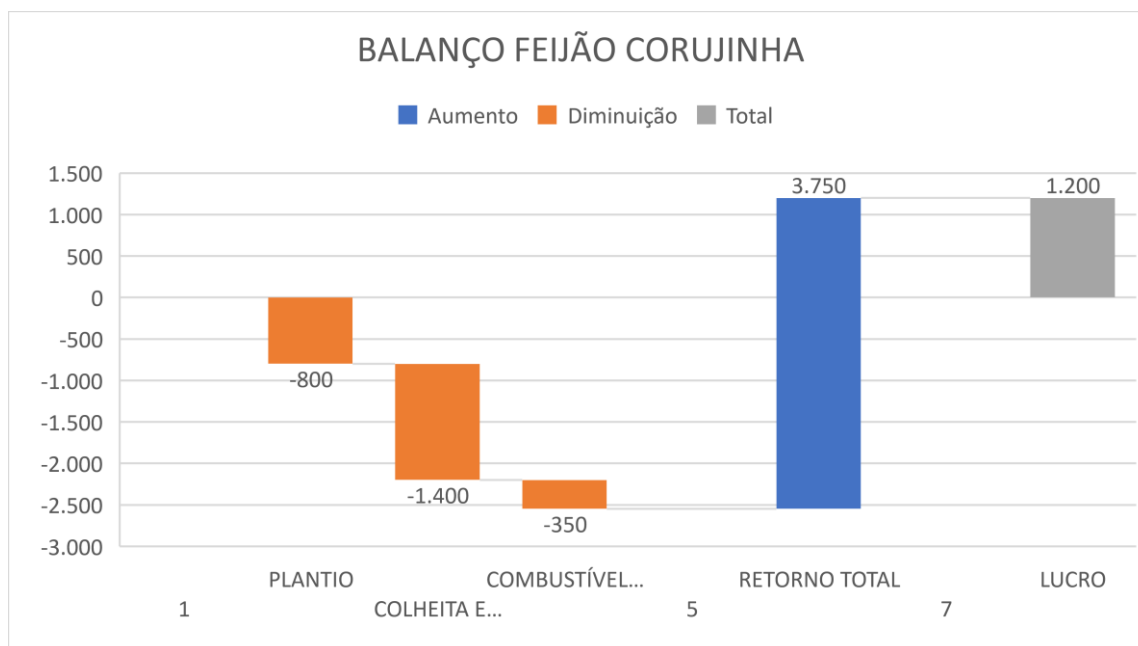


Gráfico 4 – Balanço geral do feijão

Todo o processo durou aproximadamente 4 meses, e o trabalho no campo rendeu cerca de 300 reais mensais de lucro por mês trabalhado. Os problemas notados que impediram um melhor aproveitamento foram novamente a impossibilidade de análise de acidez do solo e a irrigação, ambos essenciais para uma alta produção, além dos ataques de animais na plantação, como bodes e carneiros de produtores vizinhos. Entretanto, houve uma boa sobra que foi destinada à alimentação e ração devido ao alto índice proteico do amendoim e do feijão.

Em diversos acampamentos temos pouco auxílio à produção, afetando diretamente o produtor rural, de maneira que a luta perca um pouco de força. Nesse contexto observamos alguns problemas diários vividos por acampados que reduzem seu potencial produtivo; a falta de incentivo financeiro, técnico e mecânico, são as principais dificuldades vivenciadas pelo homem do campo. Observou-se que a hora de trabalho de um trator é de R\$ 100,00, os acampados na sua maioria não dispõem desse dinheiro, e os coordenadores do acampamento não dispõem de soluções para tal problemática, a busca por

sementes de qualidade, adubo, entre outros insumos para a produção, também é precária e o produtor fica à mercê de seus próprios recursos o que, na sua maioria, mal dá para se manter. A fim de solucionar esses problemas, o acampamento busca uma solução legislativa, ter um representante torna mais fácil a chegada de certos recursos e o acampado, por sua vez, necessita de projetos e recursos primários para a produção o que não se tem atualmente. Para combater esses problemas foi encontrada a solução colocando um membro Sem-Terra dentro da esfera política.

5. DISCUSSÃO

A experiência de campo que é a base deste TCC elaborado nos últimos 24 meses, demonstrou passo a passo desde a chegada no acampamento aos desdobramentos da produção e estada no acampamento, a chegada é sempre pondo em vista a dimensão da terra disponível e o potencial a ser explorado, de maneira que se observa a distância para os pontos de escoamento das mercadorias, fertilidade do solo e disponibilidade de recursos hídricos para que se potencialize a produção.

Economicamente, foi evidenciado que um acampamento ou assentamento aumenta a produção local de vegetais e animais tanto nas feiras da cidade próxima como nas feiras das cidades nas quais escoam suas mercadorias; o consumo interno aumenta significativamente, fortalecendo o comércio local, novos consumidores de alimentos, calçados e vestuário no comércio local, além das ferramentas para a produção no campo. Esse é o destaque central econômico e a explicação de como auxiliam no desenvolvimento local, toda a cadeia econômica se modifica, mas não se solidifica, fator este explicado pela instabilidade dos assentamentos e acampamentos e de suas constantes mudanças. A análise com base na vivência demonstrou que existe um certo apoio quanto ao escoamento das mercadorias, aproveitando os ápices das culturas sazonais e períodos de elevação no valor real do escoamento da produção e as feiras livres das principais cidades e capitais tornam-se parte de uma tradição pautada no consumo orgânico, ou seja,

na alimentação saudável produzida de maneira responsável, sem agredir a natureza e sem o uso excessivo dos aditivos utilizados nas monoculturas, e na criação, sem aplicação de hormônios, nos animais.

Há uma gama de dificuldades na produção que foram evidenciadas neste TCC como a disponibilidade de grãos, irrigação e recursos diversos para um plantio com maior qualidade, limitando a produção ao seu poder econômico e físico, e diminuindo a força do homem do campo, que por muitas vezes dependendo do local instalado só conseguem produzir culturas sazonais, passando uma parte do ano sem renda, ele sobrevive do resultante da produção. O excedente da produção torna-se a base de sua resistência no campo, observando-se que esse excedente pode ser animal, vegetal e reservas financeiras derivadas da venda de sua produção sazonal e animal. Boa parte da produção torna-se ração para o manejo pecuário local que, em determinadas épocas, torna-se base da economia, durante um pequeno período anual parte da renda chega em algumas situações a depender do potencial pecuário do Sem-Terra, para o consumo e levantamento de renda.

A renda resultante do produtor pode ser enxergada a partir das vendas das suas produções animais e vegetais, do consumo médio com produtos essenciais e o preparo da terra. Por fim, isso gera uma renda indireta, se houvesse uma melhor condição ao homem do campo por meio de incentivos físicos como fertilizantes, sua produção seria potencializada, gerando maiores excedentes de produção e diminuindo seu esforço físico no campo, dando uma melhor qualidade de vida ao homem do campo.

Tendo como base esses resultados de uma produção sem incentivo podemos definir que a aplicação desses garantiria uma maior taxa de lucros ao agricultor de subsistência, e em consequência disso um maior desenvolvimento das taxas sociais. A ausência dos incentivos dificulta a vida do homem do campo, a burocracia aos benefícios que estão à disposição, mesmo com toda importância da existência do homem do campo por motivos ambientais e culturais, baseado nos dados recolhidos devem ter como resultado, se aplicados, um desenvolvimento social, ambiental e econômico gigantesco no Brasil.

A falta de incentivos e de garantias de posse da terra dificulta a aplicação de maiores investimentos que partam do produtor, por conta do medo de perder o que já não tem. Dessa forma, criar organizações é de fundamental importância para conseguir alguma garantia ou benefício. As suas marchas e manifestações diversas têm toda uma dinâmica própria e eficaz, ela atinge a mídia que por sua vez repercute e faz com que o governador, prefeito, demais agentes políticos e a sociedade ouçam a necessidade que na sua maioria é, o de identidade, de exploração legalizada do local onde está instalado, e de segurança para viver sem represálias. O calendário das manifestações atende a uma necessidade além do campo, servindo como peça no fortalecimento de outras pautas voltadas aos direitos públicos que são negados. Essa estratégia é vista como o mais eficaz manifesto público que, sem o cometimento de crime ou impedimento longo da mobilidade, chama a atenção suficiente, passando a ser copiado por outros movimentos. A praça Sinimbu em Maceió é o local onde frequentemente serve como sede de ocupação na organização das manifestações dos grupos Sem-Terra.

O mercado Sem-Terra abastece pequenos mercados de bairro que servem como polos fixos de distribuição de alimentos, como exemplo temos a feirinha do Tabuleiro do Martins e do Graciliano Ramos, que são, por um lado, abastecidos pelos atravessadores que buscam mercadorias nos acampamentos e assentamentos, e diretamente pelo produtor, além, é claro do abastecimento nas cidades onde estão inseridos, com sua produção exposta nas barracas que alugam para vender suas mercadorias como: amendoim, feijão, sazonais como o milho, várias diversidades de animais, etc. Em todos os segmentos sociais ramificados no Brasil podemos observar que há participação do Movimento Sem-Terra mesmo que indireto, com posições no mercado de trabalho e nas classes econômicas distintas. De maneira perceptível temos universitários que provêm dos Sem-Terra, e ocupam as diversas classes sociais brasileiras.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste TCC busca promover informações baseadas em verdades, analisadas principalmente de maneira empírica, criando uma ponte informativa da origem da luta até os dias atuais, e as mazelas vivenciadas pelo homem no campo, sendo que algumas partem da sociedade comum e do poder público.

O modelo de vida dos assentados e acampados ao longo dos tempos de luta continua sem proteções governamentais; apesar de sua forte representatividade e fundamental importância, os desafios enfrentados pelos produtores são desde a mídia criminosa até os obstáculos comuns para produção. Nessa, entendemos o potencial do movimento que sobrevive em meio às adversidades cumulativas. Essa força gera conflitos comuns e incomuns, onde o alvo é sempre o Sem-Terra, o marginal, taxados como terroristas, pelos predadores capitalistas que observam neles um obstáculo à exploração.

A implantação de um assentamento ou acampamento muda radicalmente a realidade local, os movimentos circulatórios são mais intensos, o consumo local aumenta, as disponibilidades de mercadorias e relações nas feiras livres aumentam; claramente há um contraste de mudanças significantes, o aumento da disponibilidade de recursos com valores acessíveis, a necessidade da expansão do sistema público de uso essencial, como banco, farmácias, unidades básicas de saúde, entre outros, aumentam para atender a uma demanda do crescimento populacional. Por fim, inicia-se uma nova realidade eleitoral decisiva. Dependendo do porte da cidade onde está inserido o assentamento ou acampamento, o poder de militância do movimento pode agir na cidade em caráter decisivo.

Os resultados descritos alcançaram os dados pré-estabelecidos nas leituras (CHAVES, 2000; MARTINS, 1981; RIBEIRO, 201-), descritas previamente nesta obra, demonstrando a organização do movimento que promove sua resistência na luta pelo acesso a terra, a dificuldade do acesso a terra, os movimentos políticos que dificultam o acesso, a identidade do povo que sobrevive na terra, suas dificuldade de existência, e a qualidade de vida e

desenvolvimento humano aos que atuam no campo mesmo com limitações. Também foram identificadas parte das mudanças descritas nesta obra que são a base da construção deste projeto, destacando-se a agenda cíclica que promove um alerta aos poderes públicos de que o movimento está vivo, e claramente notou-se a cooperação indireta de todos os movimentos de luta pela terra existentes, a influência do acampamento na cidade pode ser destacada nos preços dos produtos nas feiras, e na movimentação local; entretanto, vale ressaltar que a característica do produtor pouco modificou-se, enquanto não há incentivos ou uma documentação básica de liberdade de produção, esta cedida pelo INCRA, mediadas pelo ITERAL.

Não há uma potencialização da produção agrícola, enquanto se nota uma nova necessidade social influenciada pela globalização e o senso de autoproteção, o campo transformou-se numa segunda residência, parte dos produtores sem uma garantia de instalação legalizada não arriscam perder os bens em possíveis conflitos. A agenda do Sem-Terra atende às necessidades políticas desde sua origem, assim, a luta pela reforma agrária é uma luta política, esse entendimento que torna a luta organizada e resistente.

Dentre as realidades abordadas nesta obra, algumas necessitam de uma atenção especial, podendo ter como base para próximas análises: 1) O governo que criminaliza indiretamente o movimento e suas consequências; 2) Uma não execução da reforma agrária justa e a negação histórica do por que se iniciou o movimento; 3) Como os ruralistas submetem o movimento às mazelas territoriais como a sabotagem da sua produção e assassinatos de lideranças; 4) As indústrias que, associadas com o governo e o poder militar submetem os pequenos produtores a terrores inenarráveis como em Eldorado dos Carajás, entre outros que se repetem todos os anos.

Ficou evidenciado que o acampamento promove uma mudança significativa na sociedade próxima ao lugar em que ele se instala, de maneira que os seus costumes culturais são refletidos em uma pequena parcela da sociedade, promovido pelo contato direto em feiras livres como no caso estudado, em convívio quando o agricultor tem uma residência principal na cidade e vende sua produção em sua residência, e nos eventos sociais comuns da cidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. SENADO, 2014. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2014/03/24/1964-pouco-antes-do-golpe-reforma-agraria-esteve-no-centro-dos-debates-no-senado>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Plano Agrícola e Pecuário 2008-2009**. Brasília: Mapa/ SPA, 2008. 68 p.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Plano Agrícola e Pecuário 2017-2018**. Brasília: Mapa/SPA, 2017. 46 p.

CHAVES, Christine de Alencar. **A marcha nacional dos sem-terra** - Um estudo sobre a fabricação do social. Rio de Janeiro: Dumará, 2000.

COMPARATO, Bruno Konder. **A Ação Política do MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

FERREIRA, Brancolina; ALVES, Fábio; CARVALHO, José Juliano de Filho. **Constituição vinte anos**: caminhos e descaminhos da reforma agrária. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) 2009.

FOLHA DE SÃO PAULO. 2017. Disponível em: <<https://deolhonosruralistas.com.br/2017/09/24/governo-temer-atendeu-13-das-17-pautas-prioritarias-dos-ruralistas-diz-folha/>>. Acesso em: 01 nov. 2019.

GOOGLE MAPS, APP, Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Branquinha+-+AL/@-9.2112265,-36.1046082,12z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x70729e7b326ea21:0x6312a05ac9e223e1!8m2!3d-9.2340329!4d-36.0240861?hl=pt-BR>>. Acesso em: dez. 2019.

MARIGONI, Gilberto. **O Destino dos Negros após a Abolição**, (IPEA), 2011.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**. Rio de Janeiro: vozes ,1981.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. Tradução e organização de Osvaldo Coggiola. São Paulo: Boi Tempo, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Município Branquinha. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/al/branquinha.html>>. Acesso em: 26 maio 2020.

REDE BRASIL. **Bancada ruralista tem poderes para derrubar ou manter presidentes.** Disponível em: <<https://mst.org.br/2017/09/28/bancada-ruralista-tem-poderes-para-derrubar-ou-manter-presidentes/>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

RIBEIRO, Paulo Silvino. O MST no Brasil. **Brasil Escola** . [Goiânia], [201-]. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/mst.htm>>. Acesso em: 02 ago. 2020.

ZANDER, Navarro. **Mobilização sem emancipação:** as lutas sociais dos sem-terra no Brasil, Rio de Janeiro: Produzir para viver, 2006.